

“NE SUTOR ULTRA CREPIDAM”

Dárcio Roberto Martins Rodrigues

Professor Doutor de Direito Romano e Latim Jurídico
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Resumo: O presente ensaio é um conciso estudo sobre o significado e origem histórica do famoso e antigo brocardo ainda freqüentemente citado em nossos dias.

Palavras-Chave: Brocardo Jurídico, Latim, Aforismo.

“Não (opine) o sapateiro além da sandália”. Esse provérbio latino (que por vezes aparece também na forma “*sutor ne supra crepidam*”) é geralmente empregado como advertência àquelas pessoas que se aventuram a pomposamente emitir opiniões e comentários sobre matéria que exceda os limites de sua competência e especialidade. Outras vezes, ainda, é evocado pela própria pessoa que é instada a tecer comentário acerca de tema estranho ao seu próprio mister, como que a modestamente admitir que não é especializado naquela área de conhecimento, e que portanto não pode falar com autoridade sobre o assunto.

Deve ser sabido que esse provérbio remonta à antigüidade clássica, e sua origem é atribuída ao famoso pintor Apeles. Apeles foi considerado o maior de todos os pintores da Grécia antiga, e dele dizia Plínio, o Velho, que “superou todos os que existiram antes e todos os que surgiram depois”.¹ Conta-se, outrossim, que Alexandre, o Grande, não permitia que nenhum outro artista pintasse o seu retrato senão Apeles, além de existirem numerosas anedotas – muitas delas com certeza fantasiosas, como aquela segundo a qual ele teria certa vez pintado a figura de um cavalo com tamanha perfeição, que os cavalos relinchavam ao vê-la, julgando tratar-se de um animal de verdade – que alçaram Apeles ao *status* de verdadeiro mito da história da arte. É igualmente Plínio, o Velho, quem nos relata o acontecimento que teria suscitado o provérbio que ora analisamos, conforme a sua *Historia Naturalis*, 35, 84-85 (que apresentamos a seguir, acompanhada de uma tradução literal nossa):

⁸⁴ *Apelli fuit alioqui perpetua consuetudo numquam tam occupatum diem agendi, ut non lineam ducendo exerceret artem, quod ab eo in proverbium venit. Idem perfecta opera proponebat in pergula transeuntibus atque, ipse post tabulam latens, vitia quae notarentur auscultabat, vulgum diligentiore iudicem quam se praeferens.*

⁸⁴ Apeles tinha além disso o constante hábito de nunca passar um dia tão ocupado, que não exercesse a sua arte traçando <ao menos> uma linha, o que devido a ele tornou-se proverbial.² Terminada uma obra, ele a expunha em uma pégula aos transeuntes e, ocultando-se atrás do quadro, ficava ouvindo os defeitos que fossem observados, preferindo o povo como juiz mais diligente do que ele próprio.

¹ Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, 35: “Verum omnes prius genitos futurosque postea superavit Apelles”.

² De fato, também é muito citado o provérbio *nulla dies sine linea* (“nenhum dia sem uma linha”). A forma *nulla dies abeat, quin linea ducta supersit* (“que nenhum dia termine sem que reste uma linha traçada”) era usada por Erasmo de Rotterdam.

⁸⁵ *Feruntque reprehensum a sutore, quod in crepidis una pauciores intus fecisset ansas, eodem postero die superbo emendatione pristinae admonitionis cavillante circa crus, indignatum prospexisse denuntiantem, ne supra crepidam sutor iudicaret, quod et ipsum in proverbium abiit.*

⁸⁵ Conta-se que, tendo sido criticado por um sapateiro porque tivesse feito as tiras nas sandálias com uma <das tiras> faltando na parte de dentro, e tendo este no dia seguinte, ensoberbecido pela correção efetuada em razão de sua primeira advertência, zombado da perna, <Apelles> indignado admoestou o <sapateiro> que criticava, para que um sapateiro não julgasse acima da sandália, o que também resultou em um provérbio.

Examinando a minuciosa narração que Plínio nos faz do curioso episódio, e ao tentarmos visualizar a cena nele descrita, topamos com a singular palavra *pergula*, que seria o local onde Apeles soía expor suas obras. O dicionário Oxford³ dá para essa palavra o sentido de “*a more or less open attachment to the front of a building, used for trading and other purposes (...)*”, indicando, entre outros, justamente o nosso texto de Plínio como exemplo dessa acepção da palavra, mas oferecendo como outro possível significado o de “*a framework supporting a vine or similar plant*”. Isso todavia não nos dá uma idéia muito clara do lugar referido por Plínio.

Uma explicação mais detalhada nos é fornecida por Leonhard SCHMITZ⁴, o qual define *pergula* como “*a kind of booth or small house, which afforded scarcely any protection except by its roof, so that those who passed by could easily look into it*”, acrescentando que tal estrutura usualmente servia como oficina ou loja (cf. Ulp. D.5,1,19,2) onde as coisas eram exibidas para venda. Refere ainda esse autor que não era inusitado que pintores exibissem seus trabalhos em uma *pergula*, de modo que fossem vistos pelos passantes (cf. Lucil. ap. Lactant. 1.22). Observa, finalmente, que os estudiosos não chegaram a um acordo quanto ao exato significado de *pergula*, pois enquanto alguns, como Scaliger, a definem como parte de uma casa construída para a rua, tal como existem em algumas casas antigas de nossos tempos, outros, como Ernesti, preferem acreditar que fosse um pequeno aposento no andar superior de uma casa, ocasionalmente usado como observatório. Esse último possível significado também é aludido de passagem pelo dicionário Oxford⁵, mas é inaceitável na interpretação do texto de Plínio, posto que se depreende do contexto que a *pergula* deveria estar situada ao nível da rua, onde todos bem pudessem observar os quadros expostos. O próprio SCHMITZ refuta essa explicação da palavra, admitindo que a acepção por ele oferecida é a única que parece se aplicar a todas as passagens na qual ela ocorre na literatura latina.

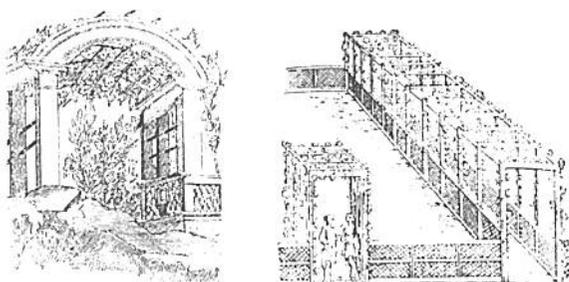
De todo modo, o que parece certo é que o vocábulo *pergula* advenha do diminutivo de uma forma arcaica **perga*, com o acréscimo do usual sufixo diminutivo latino *ula*. A hipotética palavra **perga* supostamente significava

³ GLARE, P.G.W. (ed.), *The Oxford Latin Dictionary*, Oxford, Clarendon Press, 1982 (reimpr. revista 1996).

⁴ S.v. “*Pergula*” in SMITH, William (org.), *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, London, John Murray, 1875, pp. 886-887.

⁵ Cit. *supra* nt. 3: “*sometimes app. constructed as an upper storey*”.

“vigamento”, o que está em consonância com a idéia de que uma *pergula* seja uma estrutura precária (possivelmente um simples vigamento de madeira coberto talvez por uma treliça sobre a qual passaria um caramanchão de folhagens), acrescida à frente de uma casa. Confirma-o a existência, em outras línguas, de vocábulos cognatos, tais como o saxônico *fercal* (trava, tranca, viga), o nórdico *forkr* derivado de **prgos* (bastão ou estaca), o dialeto norueguês *fork* (bordão, vara), o lituano *pérgas* (lenho, barco de pesca) e *pirkza* (cabana de madeira), e no mesmo sentido o polonês *próg* (casa), dentre outros. Todos esses vocábulos devem provir de uma raiz **perg-*, que traz o sentido geral de “bater, golpear, abater”, relacionando-se com a idéia de tronco de árvore abatido para fazer uma viga.⁶



Figuras 1 e 2 Exemplos de *pergulae*.

conhecido na península ibérica). Observa Napoleão Mendes de ALMEIDA⁸ que o vocábulo foi introduzido há não muito tempo no português (dado que Cândido de Figueiredo, por exemplo, não a consigna), e ressalta a importância de que o grafemos sempre com “u”, tal como no latim, e jamais com “o”, à imitação do italiano, pois tal procedimento é normal em vernáculo (à semelhança de “tábula”, que corresponde à forma latina *tabula*, enquanto em italiano o “u” latino se abrandou para “o”, resultando na palavra *tavola*). Notemos que a palavra também penetrou no idioma inglês por via do italiano; não sendo porém aquela uma língua românica, razão não houve para rejeitar a grafia com “o”, que se manteve.⁹ O mesmo ocorreu no alemão.¹⁰



Figura 3 - Pergula

⁶ Todas essas observações etimológicas cf. WALDE, A, e HOFFMANN, J. B., *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, 5 ed., Heidelberg, Carl Winter, 1972, v. 2. Essa obra, *obiter dictum*, define *pergula* como “*Vorbau an einem Haus, einer Mauer*”, mas não descarta a acepção de “*Dach-, Mansardezimmer*”, salientando que desde Plauto a palavra também é usada no sentido de “*Weinlaube*”, caramanchão.

⁷ O dicionário CALDAS AULETE define “*pérgula*” como “*espécie de galeria contra habitação ou muro, coberta de barrotes espaçados que assentam em pilares ou postes, e geralmente guarnecida de trepadeiras*”.

⁸ “Questões Vernáculas” n° 246, in *O Estado de São Paulo*, 27/08/1989.

⁹ Cf. e.g. *Webster’s Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language*, New York, Gramercy Books, 1996.

¹⁰ Cf. e.g. WAHRIG, Gerhard, *Deutsches Wörterbuch*, 3 ed., München, Mosaik, 1986

De tudo isso concluímos, então, que a *pergula* sob a qual Apeles deixou em exposição a sua pintura era provavelmente uma projeção ou extensão coberta (talvez por um caramanchão) à frente de sua casa, e constituída por um simples vigamento de madeira. As ilustrações ao lado e acima (vide figuras 1 a 3), que representam alguns tipos básicos de *pergulas*, dão-nos uma boa idéia de sua aparência



Figura 4 - *Ne sutor ultra crepidam* segundo Gerard de Jode

¹¹ Crédito das ilustrações: figuras 1 e 2: ex KOLLER, Hermann, *Orbis Pictus Latinus*, 6 ed., Zürich/München, Artemis, 1993; .figura 3: ex *Webster's Dictionary* (cit. nota 9 *supra*).

¹² *Mikrokosmos*, Antwerpen, De Jode, 1579, p. 73. Essa obra contém uma coletânea de 74 apotegmas, provérbios ou frases históricas, todas elas ilustradas por De Jode e acompanhadas de um comentário ou explicação, em versos latinos de autoria de Laurens van Haecht Goidtsenhoven (que preferiu assinar seu nome em forma latinizada, Laurentius Haechtanus). Para o *ne sutor ultra crepidam* Haechtanus preparou os seguintes versinhos (tradução nossa):

*Spectatum properant Venerem cum prole venustos,
Quos dederat pictos ingeniosa manus.
Sutor adest, artisque suae probat omnia dextre
Quae superant artem capit & artis iners.
Audit hoc perdoctus Apelles, desine dixit,
Limitibusque caue degrediare tuis.
Quam didicit quivis illam sibi vendicet artem,
Non aliena pudens dente procace petat.*

Precipitam-se a ver Vênus e o filho, os quais
Pintara muito belos uma engenhosa mão.
Está presente um sapateiro, e do seu ofício julga
destramente todas as coisas,
E passa a examinar aquelas que superam seu ofício,
mesmo sendo ignorante da arte.
O muito sábio Apeles ouviu isso. "Desiste", disse,
"E cuida para que não te desvies de teus limites."
Que cada qual tome para si aquela arte que
aprendeu,
E não avance sobre as alheias com ímpeto
impudente.

Não é difícil agora visualizar a cena narrada por Plínio, como o fez, por exemplo, Gerard de Jode (1509 [1517?] 1591), notável gravurista e cartógrafo holandês, na seguinte gravura publicada em 1579 no livro *Mikrokosmos*. Vemos contudo que De Jode pareceu visualizar a *pergula* como uma construção mais sólida, de alvenaria. Ademais, à falta de informação segura já que Plínio se omite a respeito supôs o gravurista, sem nenhuma base histórica, que a pintura de Apeles em questão fosse uma imagem de Vênus e Cupido. Nesse particular, foi seguido por Laurens van Haecht Goidtsenhoven nos versos que este compôs para acompanhar a gravura (cf. nota 12). No restante, contudo, é uma fiel representação da famosa cena, na qual vemos o grande Apeles, oculto atrás de seu quadro, a escutar as críticas do atrevido sapateiro, cuja presunção é lembrada até hoje e serve de admoestação contra todos aqueles que ainda em nossos dias insistem em seguir o seu desditoso exemplo.

Referências Bibliográficas:

A. Fontes ou literatura primária:

PLINIUS SECUNDUS, *Historia Naturalis*, 35, 84-85

B. Literatura secundária:

DE JODE, Gerard, *Mikrokosmos*, Antwerpen, De Jode, 1579.

SCHMITZ, Leonhard, s.v. "Pergula", in SMITH, William (org.), *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, London, John Murray, 1875

WALDE, A, e HOFFMANN, J. B., *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, 5 ed., Heidelberg, Carl Winter, 1972, v. 2.